

O DISCURSO EROTICO-PORNOGRÁFICO EM “TANGO FANTASMA”, DE MÁRCIA DENSER

THE EROTIC-PORNOGRAPHIC DISCOURSE AT “TANGO FANTASMA”, DE MÁRCIA DENSER

Valdisnei Martins de CAMPOS*
Luciana BORGES**

Resumo: Pornografia e erotismo são dois diferentes modos de representação da sexualidade. No entanto, como são profundamente interligados, às vezes podem mesmo ser confundidos em sua compreensão. Tomando como *corpus* alguns contos do livro “Tango fantasma” (1977), de Márcia Denser. Os estudos objetivam a divulgação da obra dessa escritora contemporânea, haja vista a pequena quantidade de estudos que versam sobre a autora.

Palavras-chave: Pornografia; Erotismo; Mulher.

Abstract: Pornography and erotism are two different modes of representation of sexuality. However, they are deeply connected sometimes can even be confused in their understanding. Taking corpus as the book *Tango fantasma* (1977), Marcia Denser, The studies aim to disseminate the work of this contemporary author, given the small number of studies that deal about the author.

Keywords: Pornography; Erotism; Woman.

Introdução

A pornografia pode ser encontrada desde a Antiguidade Clássica. Em especial, entre os gregos expressava-se abertamente no culto ao falo, no qual a sexualidade era explícita por meio da arte pornográfica bastante sugestiva, considerada uma forma de arte como qualquer outra. A pornografia, segundo Alexandrian (1994, p. 8), seria a descrição pura e simples dos prazeres carnavais, sendo que tudo que é

* Graduado em Letras-Português e Inglês pela Universidade Federal de Goiás – *Campus* Catalão. Contato: valdis_martins@hotmail.com.

** Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Professora Adjunta de Literatura Brasileira na UFG – *Campus* Catalão. Contato: borgeslucianab@gmail.com.

erótico é necessariamente pornográfico, mas incorporado a algo a mais; já o erotismo corresponderia à descrição de situações sexuais revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social.

Tomando como *corpus* alguns contos da coletânea “Tango Fantasma”, de Márcia Denser, publicado pela primeira vez em 1977, propomos discutir a questão da linguagem erótico-pornográfica presente em sua escrita e demonstrar que, apesar da existência de preconceito, é possível que uma mulher escreva contos de caráter erótico-pornográfico de alta qualidade. Assim, como afirma Alexandrian (1994, p. 279), as mulheres podem experimentar sensações sexuais mais vivas ou mais profundas que as deles [homens]¹, mas não são menos aptas que eles a convertê-las em ideias ou imagens. O que se coloca em jogo, no caso da escrita erótica de mulheres são as restrições aplicadas sobre estas ao longo da história da humanidade. Para Foucault (1988, p. 12), “se o sexo é reprimido, isto é fadado a proibições, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada”.

A partir de uma revisão bibliográfica sobre o que os estudos teóricos dizem a respeito de erotismo e pornografia, pretendemos analisar a obra de Márcia Denser mostrando aspectos da obra que a caracterizam como texto de cunho erotico-pornográfico. Desse modo, este estudo terá como base teórica alguns fundamentos sobre erotismo e pornografia formulados por Alexandrian (1994), Alberoni (1988) e, em especial, Maingueneau (2010), bem como outros autores da área.

O desenvolvimento deste artigo se justifica pela importância de estudar uma autora contemporânea cuja escrita está inserida nos moldes do erotismo e da pornografia, uma vez que no meio acadêmico ainda há poucos estudos sobre esta temática, especialmente no que tange à autora Márcia Denser. O estudo de Bailey (2010) é um dos poucos ou talvez o único específico que versa exclusivamente sobre a autora.

Márcia Denser nasceu em São Paulo, é mestre em Literatura e semiótica pela PUC-SP, além de ser pesquisadora literária no Idart-Centro Cultural de São Paulo, onde trabalha há mais de 10 anos. É jornalista, publicitária e editora, conhecida como a “Musa Dark” da

¹ Grifo meu.

literatura brasileira contemporânea, por suas obras que abarcam temas como o erotismo e a pornografia. A escrita de Márcia Denser é marcada pela inovação, através de um discurso direto e uma escrita forte, tendo a mulher como centro das relações. É uma obra que nos dá indícios de um tom que tramita entre o erótico e o pornográfico, rompendo com a tradição.

Conforme afirma Borges (2010, p. 1), a escrita erótica das mulheres é um fértil terreno a ser explorado quando o assunto é a revisão do cânone ou das construções e investidas de gênero que permeiam as imagens do feminino em nossa sociedade. É uma linguagem que merece ser estudada, por meio de outro olhar, ou seja, merece ser bem investigada, pois se trata de uma linguagem que é sempre transgressora e desconstrutora.

Textos cuja temática versa sobre o erotismo e a pornografia são tradicionalmente correlacionados à escrita de autores masculinos, visão essa que pretendemos desmitificar, através da análise de alguns contos de Márcia Denser. Como diz Ferreira-Pinto (1999, p. 406) o erotismo cínico, anti-romântico, e mesmo anti-erótico, de Denser é um excelente exemplo dos meios usados por escritoras brasileiras para problematizar as relações de gênero e examinar as hierarquias sociais e conflitos de poder frequentes nas relações heterossexuais centradas no desejo masculino.

Assim, pretendemos, com este trabalho, discutir a questão estética dos contos pautados na escrita característica do erótico-pornográfico e, em especial, discutir o caráter escatológico apresentado em alguns contos.

1 Um pouco de história: a mulher e o erotismo

A mulher tem sido, durante muitos anos na história, educada para atender e satisfazer os desejos do marido enquanto esposa e posteriormente, como mãe. Para as mulheres, sentimentos, desejos, opiniões e em especial a sua própria vontade era dificilmente demonstrada, sendo submetida à camada social na qual ela estava inserida, ou seja, a mulher era fadada às obrigações caseiras devendo total respeito e cuidados ao marido, a casa e a sua prole. Elas eram criadas com o intuito de virem a casar e constituírem família, devendo ser submetidas ao mando masculino, assim, “as mulheres só podem

exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força, ou aceitando se apagar, ou, pelo menos, negar um poder que elas só podem exercer por procuração” (BOURDIEU, 2007, p. 43).

A mulher foi, por um longo período, vítima da dominação masculina; segundo Pateman (1993, *apud* NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 50) “o poder natural dos homens como indivíduos (sobre as mulheres)² abarca todos os aspectos da vida civil. A sociedade civil como um todo é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública”. Assim, ao longo da história vimos surgir uma sociedade, pautada e fundada no poderio masculino, as sociedades patriarcais, em que tínhamos como o chefe familiar o homem e a figura feminina era assim condicionada:

a sexualidade da mulher foi sendo cada vez mais submetida aos interesses do homem, tanto no repasse dos bens materiais, através da herança, como na reprodução da sua linhagem. A mulher passou a ser do homem, como forma dele perpetuar-se através da descendência. A função da mulher foi sendo restrita ao mundo doméstico, submissa ao homem (BESSA, 2007, p. 1).

Nesse sentido, cabe ressaltar a total submissão das mulheres aos homens (desde o incio dos tempos ate meados dos anos 1960, quando essa condição começa a mudar radicalmente), restringindo a elas o cuidado doméstico, e a criação da prole, e em especial a sua aparência deveria ser de mulher completamente meiga e prestativa ao seu senhor, não demonstrando quaisquer desavenças aos vizinhos sobre o seu casamento. Cumpre salientar que, confinada ao meio doméstico, com valores e moral próprios, a mulher passa a simbolizar o alicerce de um mundo em que a experiência e as relações íntimas são suas únicas fontes de satisfação e preocupação (PAGANINE, 2011, p. 2).

Com o surgimento das sociedades patriarcais, o poder de dominação ficou centrado nas mãos do homem que era, perante todos, o chefe da família; o homem saía para trazer o sustento para casa, ou seja, a mulher era apenas vista como um ser reprodutor e incapaz de assumir outras funções que exigissem um pouco mais de esforço, pois essa função cabia ao homem que era quem deixava o lar e ia em busca

² Grifo meu

do sustento para a família. De acordo com Beauvoir (1980, p. 179), “esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais”.

Os movimentos de denominação “feminista” que eclodiram a partir da década de 1960 acabaram por colocar e inserir a mulher em um contexto antes masculinizado, ganhando espaço cada vez mais amplo no final do século XX. Esses movimentos já tinham suas trajetórias definidas amplamente nos Estados Unidos e Europa e acabaram por influenciar drasticamente a sociedade brasileira, levantando a bandeira pela igualdade dos direitos femininos em contraposição aos direitos masculinos.

A partir desses movimentos, a mulher passa a ganhar espaço mais amplo no mercado de trabalho, mostrando que seu lugar não é apenas em casa, desempenhando a função de esposa e mãe e propriamente a função a que era sempre encrustada: dona de casa. Somente a partir de 1988, com a Constituição Federal Brasileira, que a mulher começou a conquistar juridicamente a sua tão sonhada igualdade perante a sociedade, pois foi a partir dessa constituição que as mulheres passaram a ser consideradas capazes de exercer direitos que antes eram apenas garantidos aos homens. Vemos a ocorrência do início da descentralização do poderio familiar, no qual os homens começam a perder o domínio, deixando de ser considerados os chefes supremos da família.

A literatura de autoria feminina tem ganhado cena mais abertamente nas últimas décadas, abrindo “espaço para o processo renovador que, centrado na libertação da mulher, em sua luta pela igualdade de direitos, vem formando caminho em todo o mundo civilizado, desde fins do século XIX”, conforme afirma Coelho (1984, p. 141).

É esse contexto propriamente dito que possibilita a inserção da mulher no espaço de produção de escrita cuja criação era de exclusividade masculina:

A criação de um discurso erótico representa o reverso de uma moeda cuja face é a inscrição da mulher na literatura – já não como objeto do masculino numa relação de ventriloquismo literário – mas como sujeito e agente, enunciando a sua própria “fala.” (BAILEY, 2010, p. 18).

Um discurso agora pautado na inserção social da mulher tem dado muito mais voz a ela com o sentido de afirmação de sua identidade feminina e principalmente a sensualidade de escrita em uma literatura que tem como temática o erotismo. Para tanto, “ao trazer o erotismo para o seu discurso, a mulher escritora transgride a separação tácita existente entre a esfera pública e a privada, tornando-se ela própria a mulher ‘pública’ ou, em outras palavras, a prostituta”. (BAILEY, 2010, p. 19)

Em relação ao texto erótico, segundo Maingueneau (2010, p. 33), é sempre tomado pela tentação do estetismo, tentado a transformar a sugestão sexual em contemplação das formas puras. Tais formas têm por função seduzir, prender o leitor através do embelezamento do ato sexual. No entanto, o que é comum e ainda persiste aos nossos olhos é uma profunda crítica relacionada ao preconceito existente de que um texto quanto mais erótico e mais explícito em sua escrita, aproxima-se ao tom mais pornográfico, o que desqualificaria o mesmo em relação à sua qualidade formal e estética. Para tanto, cumpre salientar a diferença existente entre erotismo e pornografia.

2 Pornografia ou erotismo?

As origens da ficção erótica são muito imprecisas e um tanto obscuras, já a poesia erótica de autoria feminina surgiu na Grécia Antiga, no século VII a. C. pelas mãos da poetisa Safo de Lesbos. A literatura erótica não foi durante muitos anos uma literatura de fácil acesso e “nem tão pouco desacreditada, condenando seus autores ao anonimato e suas obras a uma divulgação clandestina”. (ALEXANDRIAN, 1994, p. 11).

No Brasil, a literatura erótica feminina apareceu um pouco mais tarde, por volta do século XX, pois antes havia uma total repressão aos assuntos relacionados ao corpo, em especial, à virgindade e ao sexo.

Sobre a pornografia e/ou erotismo é possível dizer que uma das grandes características desse mundo pós-moderno é a complexa desreferencialização no que diz respeito à pornografia e ao erotismo. Sendo difícil falar em um e não falar no outro de forma isolada. Há uma grande dificuldade de se classificar um texto que tem como

temática o sexo propriamente dito, em erótico e pornográfico, devido às muitas possibilidades de definição do objeto:

A distinção entre pornografia e erotismo é atravessada por uma série de oposições, tanto nas afirmativas espontâneas quanto nas argumentações elaboradas: direto *vs.* indireto, masculino *vs.* feminino, selvagem *vs.* civilizado, grosseiro *vs.* refinado, baixo *vs.* alto, prosaico *vs.* poético, quantidade *vs.* qualidade, chavão *vs.* criatividade, massa *vs.* elite, comercial *vs.* artístico, fácil *vs.* difícil, banal *vs.* original, unívoco *vs.* plurívoco, matéria *vs.* espírito. (MAINGUENEAU, 2010, p.31)

Considerando todos os aspectos sociais, morais, culturais além da época que possa envolver a construção dessa temática, os padrões de escrita bem como os autores que fazem desta corrente, ou seja, a pornografia e o erotismo são dois conceitos que se divergem e ao mesmo tempo se aproximam quanto à sua classificação.

Enquanto a pornografia estaria preocupada em ser aquela arte propriamente pura nascida do desejo carnal das relações sexuais, seria o chamado para o sexo, o erotismo entraria em contraposição sendo uma forma mascarada do amor, uma não excitação ao sexo, uma ideia apenas pautada no desejo de sedução.

Os limites que separam a arte erótica da pornográfica estão em uma linha bastante tênue, sendo que, apesar do grande preconceito que envolve as duas vertentes, a sociedade tem uma aceitação maior quanto à ideia do erotismo, advinda do fato de estar ligado a um sentimento puro – o amor – sustentado-se na ideia mitológica de união de duas pessoas pelo deus Eros.

Sobre a pornografia e o erotismo, Alberoni (1988, p. 9) afirma: “o erotismo se apresenta sob o signo da diferença. Uma diferença dramática, violenta, exagerada e misteriosa”. A diferença entre os sexos evidencia nos mínimos detalhes no que tange ao erotismo: para esse autor o erotismo masculino é mais visual, mais genital. “O feminino, mais tátil, muscular, auditivo, mais ligados aos odores, à pele, ao contato” (ALBERONI, 1988, p. 10).

Conforme Alberoni a questão do erotismo estaria amplamente ligada à total diferença existente entre os sexos, o que na verdade não ocorre de fato, como propriamente é descrito, às vezes temos o inverso da situação, encontramos muitas mulheres ligadas ao genital mais que

propriamente aos sentidos e homens muito sensíveis... A afirmação de que enquanto a preocupação do homem está no visual em observar tanto as curvaturas femininas quanto o modo sensual de como elas o seduzem através do passar de batom, do desabotoar da blusa etc., as mulheres são seres mais sensíveis, vulneráveis ao toque masculino. A hipótese de que seria um erotismo mais ligado à sensibilidade, enquanto os homens agem apenas por instinto, é apenas uma possibilidade de interpretação, dentre as muitas existentes.

Na literatura erótica temos a total associação dos sentimentos de homens e mulheres. Reafirmando essa ideia de associação de sentimentos, Bataille (2004) complementa que cabe ao erotismo deixar transparecer o avesso duma fachada, cuja correta aparência nunca é desmentida; é por meio desse avesso que vão se revelar os sentimentos, as partes do corpo e modos de ser de que vulgarmente temos vergonha.

A pornografia, segundo Alberoni (1988, p. 12) seria “uma figura do imaginário masculino. É a satisfação alucinatória de desejos, necessidades, aspirações, medos próprios deste século”. E é por meio dela que o universo masculino passa a se constituir fazendo a sua medida.

Se a pornografia está ligada a uma imagem do imaginário masculino, ocorre que ha uma excitação que advém do simples fato de se observar uma mulher nua e o mesmo fantasiar-se em ter relações sexuais com essa figura idealizada de uma mulher perfeita, “gostosa”, capaz de realizar os seus desejos mais íntimos.

Quanto à realização formal, Maingueneau (2010), em *O discurso pornográfico*, afirma que no interior da literatura pornográfica há a imposição de uma divisão entre sequências pornográficas e obras pornográficas. Com essa divisão permite-se administrar a diferença existente entre os textos que se enquadram em tal moldura:

as obras pornográficas propriamente ditas, e os textos cuja intenção não é essencialmente pornográfica, mas que contêm sequências pornográficas, ou seja, trechos de extensões muito variáveis que derivam da escrita pornográfica e estão, portanto, predispostos a provocar consumo de tipo pornográfico (MAINGUENEAU, 2010, p. 17).

Dentro do ideário pornográfico, encontramos diversas descrições e práticas sexuais que pretendem retratar os modos como a

vida erótica se constitui para os sujeitos. A linguagem e as imagens produzidas no texto podem variar da sugestão apenas até a explicitude. Pode-se também ir das práticas corriqueiras, aquelas que não causariam nenhum tipo de constrangimento ou choque ao leitor, até às práticas menos comuns, como a escatologia.

A ideia do escatológico na sexualidade é a combinação do prazer em meio aos excrementos ou a elementos que a estes estejam relacionados, de modo indireto. É por meio dessa obscenidade, compreendida aqui como tudo que fere o pudor dos leitores, é a mistura de excrementos que leva o sujeito a encontrar a total satisfação sexual. São sentimentos e prazer que surgem em meio ao grotesco e satisfazem o adepto da prática escatológica. Assim, o adepto só irá sentir “tesão” se a prática sexual estiver intimamente relacionada ao uso de excrementos ou seus correlatos enquanto pratica o ato sexual.

Em suma, o lascivo partidário das práticas libertinosas do escatológico, possui práticas que podem ser consideradas estranhas pela maioria das pessoas comuns. A ideia libertina do adepto ao escatológico é associada intimamente à alimentação tendo esta por função [...] restaurar, envenenar, engordar, evacuar [...] (BARTHES, 1999, p. 25). Aqueles que se dizem prosélitos a essa causa devem seguir uma dieta alimentar bastante rigorosa com a finalidade de ter as mais profundas realizações “sórdidas” de prazer em meio a esse ambiente.

Passaremos a análise de alguns contos que fazem parte da coletânea do Livro *Tango Fantasma*.

3 “Tango Fantasma”

A obra “Tango Fantasma” reúne em uma coletânea dez contos cuja temática gira em torno da questão da mulher enquanto objeto ativo da relação sexual, expressa através do desejo carnal desta mulher. É a mulher o objeto principal, a domadora e dominadora, figura essa que apenas eclode após os movimentos denominados feministas. São narrativas curtas, mas que despertam o desejo e o prazer do leitor por meio de sua leitura.

A mulher, nesses contos, é apresentada como sujeito vivo do desejo, não como um ser passivo que se espera nas demais narrativas,

na qual é o homem o detentor de toda essa ostentação de um desejo carnal reprimido.

Ao longo da narrativa, observa-se que a mulher deixa de ser aquele ser frívolo, passando a ser o sujeito ativo, alguém de grande importância, expressando um sentimento sexual que muitas vezes é relacionado apenas ao sexo masculino. As mulheres despertam o desejo antes mesmo que o homem tenha pensado em aproximar. (ALBERONI, 1988, p. 13).

Denser aponta para o perfil dessa nova mulher, uma mulher livre de estereótipos, afirmando-se como identidade feminina. É essa mulher que acaba por criar uma nova identidade, uma identidade livre de preconceitos e da dominação masculina:

como parte de um projeto narrativo ousado, Márcia Denser se afirmaria como portadora dessa voz da nova mulher sobre o erotismo e a sexualidade feminina, o qual transforma a capacidade de exercitar o prazer como um dos mecanismos de auto-afirmação identitária da mulher. O discurso erótico e a naturalidade em assumir a necessidade, a urgência e a liberdade da prática sexual por meio da criação de personagens femininas que se posicionam ativamente na corte erótica heterossexual é a principal marca da narrativa de Márcia Denser (BORGES, 2010, p. 4-5).

Tomando como *corpus* de análise os contos “Tango Fantasma”, “Anjo”, “Luz vermelha” e “LATIN OVER”³, pretendemos mostrar que Denser é uma autora que insere sua ficção no ambiente da escrita de cunho erótico-pornográfico.

“Tango fantasma” é o primeiro conto da coletânea, que traz a história de uma família em que todos são dançarinos de tango. A personagem ensaia para então assumir o seu posto de bailarina. O texto é narrado pela sobrinha da tia Marjorie, que como ela própria diz: “Tia Marjorie, sim, eu adorava” (DENSER, 2003, p. 202), e relata as experiências de uma família que vive no glamour do tango nas noites argentinas.

Em analogia ao que propõe Alexandrian (1994) sobre a distinção do romance marcado por passagens eróticas em relação ao romance erótico propriamente dito, é possível observar que Denser

³No original “Latin Over” é grafado em letras maiúsculas.

trabalha com sequências pornográficas, mesmo não descrevendo uma relação sexual, mas descrevendo o passo de dança do tango, colocando a sensualidade em primeiro plano. O seguinte trecho extraído do conto pode exemplificar as especificidades da autora a qual nos referimos:

Danço agora sozinha, traseiro projetado para a lua (se isso fosse possível e não ridículo), alcançando no ponto exato teu membro. Nessa posição o círculo se fecha. Minha cabeça de cambalhota penetra através de minhas coxas completando o teu, o meu, o nosso, o rabo universal que mordemos, mas, insisto: serei a única dançarina dotada duma musical tautologia circular? (DENSER, 2003, p. 198-199).

Nota-se também o uso de palavras chulas característicos da pornografia, como *putas*, e ações *arrotos*, *peidos*: “numa liberdade de putas velhas a quem a gente perdoa os arrotos e peidos involuntários por uma boa história.” (DENSER, 2003, p. 205). “E vai já tirar essa roupa de puta!” (DENSER, 2003, p. 206).

Por meio da sensualidade existente na dança, o tango, temos uma profunda realização do erótico, transmitido ao leitor por meio dos passos que são características próprias do tango argentino:

Muito lentamente, foi libertando um sorriso secreto. Numa voz rouca, profundamente terna e perversa, suplicava carícias para os seus pés feridos, enquanto puxava, cariciosa, a saia, até a metade das coxas e prosseguia se eles não o fizessem por ela. Eles (DENSER, 2003, p. 208).

O trabalho com a linguagem adotado por Denser nos dá um indicio de que a estrutura de seu texto se pauta na questão do uso de uma sequência pornográfica, dentro de um texto puramente erótico. Denser, ao se referir aos homens, acaba por fazer um jogo de linguagem adotando um tom mais pornográfico na cena:

Os infinitos dedos afoitos que o mundo possuía. Dedos tão fortes, tão carinhosos, tão inocentes e tão sem querer sempre convergindo para o fundo, o profundo do mais fundo, o ralo, buraco irresistível onde perdeu-se o tempo, esqueceram-se os homens – esqueceram-na lá dentro (DENSER, 2003, p. 208-209).

Esse excerto resume bem a ideia proposta por Maingueneau (2010), a de que mesmo dentro de uma obra cuja intenção não é de aporte pornográfico, pode se encontrar em seu interior trechos cuja extensão deriva de uma escrita pornográfica e acabam por provocar no leitor um consumo de caráter pornográfico.

Partindo da perspectiva de que Denser foge dos padrões convencionais das relações amorosas, temos claramente nesse trecho, a visão de uma mulher que é o ser-objeto-ativo de uma relação, é ela que tem o total controle do prazer e da relação sexual:

seus saltinhos sapateavam em meus sonhos, dançando dentro de flores de veludo azul e cor-de-sangue, colhidas em meu corpo por um homem que nele deslizava uns dedos macios, devagar, muito devagar; só que eu acordava sempre antes de descobrir o que buscavam lá dentro. Isto é, entre os seios, o rumo que tomaria o filete, mais abaixo alargando-se, funil de úmida escuridão (DENSER, 2003, p. 202).

É através desta evasão categórica convencional, representada por essa mulher, que tem como marca a inovação, nos contos na qual ela deixa de possuir os perfis de uma mulher que se espera para a época em questão. É possível notar essa mudança da figura feminina através deste fragmento no qual mostra-nos uma mulher inovadora, a frente do seu tempo: “Tenho os cabelos na fórmula do pecado, boca faminta, pingando de sangue frio” (DENSER, 2003, p.205); é uma mulher que não se figura como objeto manipulado, mas sim como uma mulher autêntica, ferrenha, culta, direta e sensual.

Encontramos nos contos “Anjo” e “Luz vermelha” algo em comum entre as personagens: ambas são virgens.

“Anjo” é um conto escrito em forma de um diálogo entre uma mulher e o seu anjo; narra a história de uma moça virgem que perde a virgindade com um cara mais velho e amigo de seu pai, mas na hora da relação ela finge não ser virgem por medo dele não a querer, e após transar se arrepende do que fez. A conversa com o seu “anjo” é como se fosse a remissão de um pecado que ela cometeu por ter saído com um cara mais velho e amigo de seu pai. Ao final da conversa, ela acaba por ser convencida pelo anjo a rezar.

Baseando-se no imaginário do escatológico, a personagem do conto tem um prazer em meio aos excrementos:

Do lado de fora estaria protegida, poderia alimentar livremente seu prazer nojento, esse que tem pelo odor das próprias fezes, limpar o nariz, sei lá, você é narcisista abjeta, adora mirar-se no espelho das águas no fundo da privada e reencontrar-se. É chafurdar naquilo e depois morrer (DENSER, 2003, p. 226).

Os sentimentos vividos pela personagem refletem o próprio momento, momento esse mesclando o erotismo e se afogando na pornografia: “O próprio, aparentemente. Me deu um fogo para comer. Tive nojo de trepar com ele e trepei só de nojo [...] se não botasse para fora aquela merda que enfiou dentro de mim, morreria entupida, juro!” (DENSER, 2003, p. 233). Espera-se que a personagem seja aquele ser frívolo, e dotada de sentimentos de meiguice e muito amor, o que na verdade não ocorre com a personagem do conto. Pois sabe-se que frequentemente a primeira vez de uma mulher é algo tão planejado, é algo frutificado no imaginário feminino, e não raras vezes as mesmas têm idealizações de que a primeira vez seja algo mágico e especial, que ocorra com um príncipe encantado e se possível seja feita como nos contos de fada.

Denser acaba por transgredir essa imagem em seus escritos e coloca a mulher como um ser que ao mesmo tempo sente prazer, mas acaba por enojar-se de toda aquela situação. Ela aponta para um outro lado, no qual as mulheres não são seres mecânicos movidos a manivela, mas seres que tem sentimentos, desmitificando essa ideia de que apenas os homens são detentores de prazer em uma relação.

Sou louca por elogios, me sinto mais segura. Na hora que joguei a calcinha pelos ares ele morreu de rir, dizendo que eu estava igualzinha à Marilyn Monroe e era isso aí. Naquele instante eu estava mesmo me sentindo como ela dormindo com meu produtor-protetor-amor-sedutor. Perguntou várias vezes se eu tinha certeza de que era virgem. Isso, depois. Eu disse que não. Perguntou, perguntou, eu disse que não e não... Não saiu sangue, saiu? Doe pra burro, não foi muito bom, foi curioso. Jurei que não era mais virgem, pareceu acreditar, não sei, também não quis saber quem, estava meio desapontado (DENSER, 2003, p. 232).

Nessa concepção de uma mulher que está à frente do seu tempo, vemos que ela, mesmo sendo virgem: “Fiquei com vergonha de

contar que era virgem” (DENSER, 2003, p. 232), não quis demonstrar ao parceiro a falta de experiências sexuais, mentindo não ser virgem com medo de perdê-lo. E ao ser indagado pelo anjo sobre a primeira vez, ele questiona que faltou o escândalo e complementa que: “Você me surpreende; deu-lhe a troco de banana o ‘bem mais precioso duma mulher’ – como diz sua mãe – deu mas não disse que deu. Então não deu, pombas. Pra ele, claro...” (DENSER, 2003, p. 232)

E ao ser indagado sobre o arrependimento, ela diz: “Devia, né? Sei lá. Não ganhei nada, não dei nada, não mudou nada, acho...” (DENSER, 2003, p. 233), mostrando que mesmo sendo uma mulher de atitude, sobre por tomar tais decisões.

“Luz vermelha” é um dos menores contos que estão nessa coletânea e o que melhor expressa a ideia de erotismo salpicado com pornografia.

Esse conto versa sobre a passagem de menina para mulher, narrando a primeira experiência sexual vivida pela personagem Madalena, uma jovem de dezenove anos:

Atravessaram toda noite e parte da madrugada se agarrando, no escuro. Sentia um certo nojo, curioso ao ser penetrada por aquele membro rijo, parte alheia e desconhecida, encaixando-se dentro dela e, no entanto, sem ter nada a ver. Distraiu-se com a fungação nos ouvidos, cadenciando o impulso das emissões: uma fungada, uma emissão, outra fungada: toda molhada. Depois: respiração acelerada, contração, respiração quase normal, contração rápida, respiração pausada, retração total, e se esvaía em mornas espumas pegajosas inundando o lençol (DENSER, 2003, p. 237).

Assim, como propõe a obra pornográfica de levar o leitor a provocar um efeito previamente determinado, Denser faz esse joguinho descrevendo as primeiras cenas com uma sequência pornográfica e apaziguando com um tom erótico.

Seguindo o texto, nota-se que o tom erótico toma um ar mais calmo e o pornográfico, com palavras mais esdrúxulas como “*velhas chupadas*” insinuando aos hábitos sexuais serem os mesmos e a própria palavra *cu*, parece ser a alma viva do conto: “agora tai esfregando nos machinhos! Velhas chupadas adorariam estar no meu lugar, se tivessem cu pra isso. O cu sob medida.” (DENSER, 2003, p. 238).

O próprio ambiente descrito se insere nos moldes do pornográfico: “Repartidos, fragmentados pelas luzes estroboscópicas: pisca, escuro, agarramentos, escuro, dezoito mãos em nove bundas, escuro, os dois ali parecem estar trepando, escuro, droga!” (DENSER, 2003, p. 239). O ambiente descrito se confunde com os quartos de bordéis e prostíbulos em que a libertinagem pregada faz profunda referência a práticas sexuais grupais, algo não muito comum na escrita erótica, em que o amor deve ser sentido, palpável e desfrutado entre duas pessoas.

Até mesmo a questão da relação amorosa entre o casal é descrita com um profundo tom pornográfico: “eu DEITO⁴ com um negócio, igual o dedo, enfiado. Muito maior, claro, mas por que não consegue preencher essa merda de buraco barroco no meio das minhas coxas?” (DENSER, 2003, p. 240). Uma relação marcada pela insatisfação da mulher, relação essa que anteriormente não ocorria, pois a mulher apenas fingia orgasmo, o que realmente estamos vendo é uma mulher que se mostra muito além de uma relação, é essa mulher que detém o total controle do prazer na relação, mesmo que para ela não esteja sendo satisfatória.

Em “LATIN OVER”, narra-se a história de uma jovem estudante de artes que apaixonou-se por um senhor italiano mais velho: “Engenheiro, dono de uma pequena porém bem-sucedida firma que fornecia unicamente à indústria peças automobilísticas estranhas e complicadíssimas pecinhas” (DENSER, 2003, p. 214); e o apelida de Príncipe Danilo. E ao comparar-se com a elegância de seu príncipe, ela diz ser apenas “um cavalinho, ou melhor, uma potranca que deita e rola sobre as palavras” (DENSER, 2003, p.215).

Sobre o “latin over” ela diz ser:

pois todo *latin lover* que se preze é a criatura mais na moda que existe. Ele se veste, come, ouve musica, transpira, lê, canta, toma banho, dorme etc., de acordo com as últimas novidades via publicações estrangeiras, preferencialmente (um *latin lover* legítimo jamais sabe das coisas em segunda mão, ou seja, através das edições nacionais das ditas publicações estrangeiras)⁵ (DENSER, 2003, p. 217-218).

⁴ No original a palavra “deito” aparece escrita em maiúscula.

⁵ Grifo da autora.

E complementa que:

E, como em sua maioria, são cavalheiros entre 40 e 70 anos, que aliás não devem ter tido infância nem juventude a fim de trabalharem duro para depois “colherem os frutos honrados de sua árdua labuta”[...], acabam encalhando naquela idade indefinível, *outsiders* flutuantes do momento, plenitude oca de aparências fora do esquadro. Eles não conhecem história, sejam os porquês da *pop music* ou dos *jeans* vestindo desde estátuas gregas até Mona Lisa, mas se adornam disso tudo inutilmente como a Maria das sete Saias que todo mundo sabe estar sem calcinhas e por ai via (DENSER, 2003, p. 218).

Os dois vivem um romance regado a luxos e jantares caros, mas na hora do sexo, ela descobre que o mesmo não consegue uma única ejaculação e tem de fingir um orgasmo:

até que parei de divagar e resolvi fingir um orgasmo alucinante para satisfazer-lhe a vaidade, recompensar-lhe o esforço e libertar-me; apesar de toneladas e toneladas de empenho e suor perfumado, eu juro, juro por Belzebu, restava tão seca quanto uma cisterna no Labirinto de Creta! O Príncipe não conseguia uma mísera ejaculação por toda aquela eternidade (DENSER, 2003, p. 222).

Ela desvia o foco da sensibilidade, que para muitos é associada à mulher, para um possível pretendente – Benjamin, colega do curso de artes pelo qual a mesma não demonstra o mínimo de interesse: “Benjamin era temivelmente sensível a essas coisas, quer dizer, as invenções”, referindo-se associação de um namorado como se fora um príncipe.

Vemos também nesse conto, um grande uso de palavras chulas, que são muito presentes em toda a sua escrita, são elas *cu*, *puta*, *porra*, *potranca*; “eles não tinham cu” (DENSER, 2003, p. 212); “puta bacanal?” (DENSER, 2003, p. 213); “suas porrinhas” (DENSER, 2003, p. 214); “uma potranca que deita e rola sobre as palavras” (DENSER, 2003, p. 215); “sem porra de hora” (DENSER, 2003, p. 215); “que riam com puta – adoro palavrões irrelevantes!” (DENSER, 2003, p. 218).

É um conto extremamente marcado pela dimensão erótico-pornográfica assumida por Denser, encontramos nele passagens de

profundo caráter pornográfico, em especial no que tange a ornamentação do quarto do “Príncipe Danilo”:

Uma atmosfera roxa coava o espaço, restando contornos dum ambiente em negativo, sufocante câmara mortuária. A cama rebaixada constituía uma depressão retangular coberta de veludo negro. Poderia ser um túmulo se o arquiteto não tivesse errado o número de palmos. [...] Cortinas negras, no meio das quais o buraco negro resvalava por um tenebroso corredor, findando na porta negra do *toilette* – adivinhada pelo filete luminoso no limite do abismo (DENSER, 2003, p. 220-221).

Além de ser marcado por um tom escatológico misturado a alimentação. Como no trecho a seguir: [...] Bombons recheados de merda [...] (DENSER, 2003, p. 219), no qual a autora faz referência em relação ao preconceito adotado pelo *Latin lover*. E ainda complementa referindo-se ao cheiro deles como se fossem menstruações: “Como disfarçar o cheiro da menstruação coagulada por 350 anos? [...] Só que os menstruados são eles. Secularmente Menstruados” (DENSER, 2003, p. 219).

Conforme espera-se em toda a relação que a iniciativa parta do homem, novamente Denser vem comprovar que as mulheres assim como homens podem ser as iniciadoras da atividade sexual e que o prazer não deve apenas restringir-se aos homens, reflexo desse sentimento ocorre bem no desfecho do conto quando, após ter relações com o “Príncipe Danilo”, revela a insatisfação da relação sexual, em virtude do fato do mesmo não ter conseguido ejacular: [Ele]⁶ Levantou-se dignamente murcho, respirou fundo, tão fundo como após dezessete orgasmos [...], beijou gentil a testa da menina boazinha e foi tomar banho. (DENSER, 2003, p. 222); complementa: “suspirei pelas ‘bichas’ que davam quatro em duas horas.” (DENSER, 2003, p. 222) e ainda ressalta com o que pensavam os seus colegas: “garantia que o sujeito era veado mesmo.” (DENSER, 2003, p. 223).

⁶ Grifo meu.

Considerações finais

Márcia Denser não parece ter a intenção de enquadrar-se na linha do pornográfico, ela acaba por inserir sua ficção em uma linha entre o erotismo e o pornográfico, às vezes com uma dose de escatologia em sua escrita, própria da escrita.

Assim, como é apontado por Maingueneau (2010) em seus relatos sobre a escrita de efeito pornográfico, a escrita de Denser contém sequências pornográficas sendo possível essa observação claramente ao longo da escrita, mas nem por isso podemos concluir que a obra dela é pornográfica. Por esse motivo, não colocaremos a escrita dela como sendo totalmente pornográfica, pois assim estaríamos sendo categorizadores e este trabalho não pretende fazer isso. Para tanto, preferimos chamar a obra da autora de erotico-pornográfica, pois se trata de uma obra completamente erótica, mas com doses às vezes exageradas de construções de linguagem que remetem à pornografia.

Mesmo por abordar um tema que é duramente criticado, carregado de preconceitos por parte de alguns críticos, o texto de Denser não perde em qualidade por abordá-lo e é uma escrita gostosa e prazerosa de se fazer e ler.

Márcia Denser desmitifica a ideia de que somente contos marcados pela centralidade dos controles das ações sexuais pertencentes ao gênero masculino podem ser considerados de boa qualidade. Em sua obra vemos que a personagem feminina protagonista de seus contos pode ser tão ativa quanto uma personagem masculina, não perdendo em nenhum momento a qualidade com que fora escrita.

O jogo de escrita abordado por Denser ao longo de suas narrativas e a profunda crítica voltada para as relações sexuais entre homens e mulheres, nos mostra o surgimento dessa nova mulher – a mulher do Século XXI – uma mulher que deixou de ser aquela menininha meiga, frágil e “bobinha”, escrava dos desejos sórdidos masculinos e passa agora a assumir o seu papel na sociedade, uma mulher que se assume realmente mulher.

Referências

- ALBERONI, Francisco. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- ALEXANDRIAN, Sarane. *História da literatura erótica*. Tradução de Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- BAILEY, Cristina Ferreira Pinto. O corpo e a voz da mulher brasileira na sua Literatura: o discurso erótico de Márcia Denser. *Revista CELL* (Revista Discente do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários da Universidade Federal de Ouro Preto), n, 0, 1º sem. 2010.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1999.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BESSA, Karla Adriana Martins. *Papel da mulher na sociedade ao longo da história*. Publicado em 21 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/sociology/1653449-papel-da-mulher-na-sociedade/#ixzz1yix6I4ct>>. Acesso em: 21 jun. 2012.
- BORGES, Luciana. *Literatura erótica de autoria feminina: questões de sexualidade e gênero*. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/2010/anais2010/doc%20\(34\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/2010/anais2010/doc%20(34).pdf)>. Acesso em: 10 out. 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. A presença da “Nova mulher” na ficção brasileira atual. *Revista iberoamericana*, v. L, n. 126, Enero/Marzo 1984. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/3866>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

DENSER, Márcia. Tango fantasma. In:_____. *Diana Caçadora/Tango fantasma: duas prosas reunidas*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

FERREIRA-PINTO, Cristina. O desejo lesbiano no conto de escritoras contemporâneas. *Revista Iberoamericana*. v. LXV, n. 187, Abril/Jun 1999, p. 405-42. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/download/0826258>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55, jan./apr. 2006. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:5jIVCB1gpEJ:scholar.google.com/+a+hist%C3%B3ria+do+patriarcado&hl=ptBR&a_sdt=0>. Acesso em: 24 abr. 2012.

PAGANINE, Carolina. *Ruídos na representação da mulher: preconceitos e estereótipos na literatura e em outros discursos*. 2011. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/.../Carolina_Paganine_13_C.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2012.

Recebido em 30/07/2013

Aceito em 30/09/2013